

**ENTRE O SOLO PEDREGOSO E SANGRENTO E A ANIQUILAÇÃO
DO SUJEITO: O HORROR NEORREGIONALISTA EM *ASSIM NA
TERRA COMO EMBAIXO DA TERRA* (2017), DE ANA PAULA MAIA**

Brendo Teixeira Pereira

Universidade Estadual do Maranhão

brendoteixeira05@gmail.com

Luan Santos Oliveira

Universidade Estadual do Maranhão

luan.uema2022@gmail.com

Yasmine Sthéfane Louro da Silva

Universidade Estadual do Maranhão

yasmine.silva@cessin.uema.br

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar a configuração do horror neorregionalista na obra *Assim na terra como embaixo da terra* (2017), de Ana Paula Maia. A narrativa é ambientada em uma colônia penal isolada, construída sobre um antigo cemitério de escravizados e explorada como metáfora da violência e descarte de corpos no Brasil contemporâneo, em específico, no chamado “Brasil profundo”. A metodologia desta pesquisa está centrada no termo-chave “Plurivocalismo Bakhtiniano” como forma de agrupar um conjunto de vozes que entram em confronto na narrativa. Ademais, nos apoiamos nas reflexões de Bakhtin (2002), com foco na polifonia e dialogismo na obra. Sobre a estética do horror, recorreremos a Carroll (1990) e Terêncio (2022). Quanto à fundamentação crítica sobre espaço e sociedade, dialogamos diretamente com as perspectivas de Harvey (2005), Brito (2016) e Candido (2023). Como resultados, concluímos que a configuração do horror neorregionalista manifesta-se na obra de Maia como uma crítica à sociedade que desumaniza o indivíduo e o converte em refúgio, evidenciando que no “solo pedregoso” do Brasil Profundo, um território de exceção, no qual o passado escravocrata e a lógica capital convergem para aniquilação física e ontológica do sujeito marginalizado, acontece a desumanização dos sujeitos por meio do trabalho.

Palavras-chave: Horror; Neorregionalismo; Plurivocalismo; Brasil Profundo; Ana Paula Maia.

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

Brendo Teixeira Pereira

Graduação em Letras (Licenciatura em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas) na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Desenvolveu PIVIC/UEMA em Linguística em Língua Portuguesa, no ciclo 2024/2025. Desenvolve PIBIC/FAPEMA/UEMA em Literatura Brasileira contemporânea, ciclo 2025/2026. É membro do Grupo de Pesquisa em Língua Inglesa e Literaturas, o GPLIN/UEMA.



lattes.cnpq.br/4604414537390417



orcid.org/0009-0004-5818-3636

Luan Santos Oliveira

Graduação em Letras (Licenciatura em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas) na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Desenvolve PIBIC/UEMA em Literatura Brasileira contemporânea, ciclo 2025/2026. É membro do Grupo de Pesquisa em Língua Inglesa e Literaturas, o GPLIN/UEMA.



lattes.cnpq.br/3641529683771912



orcid.org/0009-0008-8831-4210

DOSSIÊ "GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO"

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas
Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil
publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

Yasmine Sthéfane Louro da Silva

Atua como Professora Assistente I na Universidade Estadual do Maranhão desde 2025. Doutoranda em Letras, com concentração em Literatura, com linha de pesquisa em Literatura, cultura e sociedade, pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Mestre em Letras, com linha de pesquisa em Teoria, Crítica e Comparatismo, pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Especialista em Literatura em Língua Inglesa pela Faculdade de Educação São Luís. Especialista em Ensino de Língua e Literatura pelo Instituto Federal de São Paulo (IFSP). Graduada em Letras (Licenciatura em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literaturas) pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). É coordenadora do Grupo de Pesquisa em Língua Inglesa e Literaturas, o GPLIN/UEMA. Integra o Grupo de Estudos e Pesquisa em Linguística Aplicada e Literaturas Anglófonas da UEMASUL, O GEPLALA.



lattes.cnpq.br/7417466504142267



orcid.org/0000-0002-4951-3339

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas
Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil
publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“No fim, somos todos livres, porque, no fim, estaremos mortos.”

(ASSIM NA TERRA COMO EMBAIXO DA TERRA,
Ana Paula Maia)

A literatura brasileira contemporânea tem se consolidado como um espaço de denúncia, expondo as entranhas de uma realidade muitas vezes invisibilizada. No caso da escritora Ana Paula Maia, ela expõe, com uma escrita direta e despojada, um cenário não apenas documental e pitoresco do interior, mas também um território marcado por violência crua e desumanização, conectando-se diretamente à estética do “Brasil Profundo”¹, que emerge em suas obras.

Essa perspectiva de território desumanizante atinge seu ápice em *Assim na terra como embaixo da terra*, publicado em 2017. Nessa obra, Maia desloca a sua narrativa para uma colônia penal erguida sobre um antigo cemitério de escravizados. Especificamente, Maia não utiliza o espaço de confinamento apenas como pano de fundo, mas caracteriza-o como uma metáfora do descarte de corpos no Brasil contemporâneo.

Nesse cenário, a obra não se limita a um realismo geográfico, mas mergulha em um horror que tensiona as fronteiras entre vida e morte, o humano e o inumano. O horror utilizado transforma-se em crítica às atrocidades a que o sujeito marginalizado é submetido, demonstrando como a violência do presente é um eco do passado colonial do Brasil. Assim, podemos observar como o solo da colônia penal — pedregoso e sangrento — atua como agente ativo de denúncia à desumanização sistêmica operada pelo Estado e o capital.

Sendo assim, a compreensão da obra de Ana Paula Maia exige um olhar que ultrapasse a superfície do enredo, investigando a forma como as tensões sociais brasileiras são transfiguradas em forma literária. Para Candido (2023, p. 38), “se encararmos os fatores presentes em um bloco na estrutura social, nos valores e nas técnicas de comunicação, veremos logo a necessidade de particularizar o seu campo de atuação”. Nesse contexto, na

¹ A noção de “Brasil Profundo” refere-se, nesta análise, às regiões e realidades sociais que existem à margem dos grandes centros urbanos cosmopolitas e do discurso oficial de progresso. Geograficamente associado ao interior e aos sertões, ele assume uma dimensão simbólica no contexto da obra de Ana Paula Maia: é o lugar onde as leis do Estado são suspensas ou substituídas por uma lógica de sobrevivência brutal e exploração visceral da força de trabalho.

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

obra *Assim na terra como embaixo da terra* (2017), a particularização ocorre na simbiose entre o espaço físico degradado e a condição ontológica dos personagens. Os fatores da estrutura social a serem particularizados na narrativa de Maia, conforme apregoa Candido (2023), compõem um tripé: escravidão no passado; prisão no presente e a capitalização da morte em um futuro remoto. Logo, a análise da narrativa a partir dessa tríade revela que a violência não é um evento meramente isolado, mas um processo histórico contínuo de coisificação² do indivíduo.

Sob esse prisma, ao articular o capital como uma engrenagem da máquina, a obra de Maia dialoga diretamente com Harvey (2005), no que se refere à desvalorização do corpo e da vida em prol da manutenção dos sistemas de controle. Harvey (2005, p. 45), comenta que: “nas economias capitalistas desenvolvidas, a oferta da força de trabalho [e] dos meios de produção [...] são todas 'produzidas' no modo capitalista de produção”. Quando transpomos essa lógica à narrativa de Maia, compreendemos que a colônia penal funciona como estágio final desse modelo de produção, o momento no qual esse corpo esgotado de sua produtividade ou segregado por sua periculosidade social é devolvido ao solo como matéria inútil.

Diante desse panorama, este trabalho tem como objetivo analisar a configuração do horror neorregionalista na obra *Assim na terra como embaixo da terra* (2017), de Ana Paula Maia, investigando de que maneira o horror — não como elemento sobrenatural ou fantasmagórico, mas como categoria de violência sistematizada, crua e categórica — se articula para denunciar as estruturas de violência que sustentam o projeto de modernidade brasileiro, que se perpetua até os dias atuais.

Para alcançarmos o objetivo desta pesquisa, como metodologia, nos apropriamos do termo-chave “Plurivocalismo Bakhtiniano”, adotado como perspectiva para identificar as múltiplas vozes que se tensionam no tecido da narrativa. Em relação a essa perspectiva, Bakhtin (2002, p. 155) comenta que: “se as observações exteriores e diretas sobre as peculiaridades das linguagens dos personagens são características do gênero romanesco, é evidente que não são elas que criam o modelo da linguagem no romance”. Nesse sentido, pretendemos não nos limitar a descrever as falas dos personagens, mas também verificar de

² “No entanto, no nível fenomenal, suas relações com o trabalho excedente dos trabalhadores são completamente removidas: os meios de produção, o dinheiro e a terra “parecem ser” dotados pela natureza com a capacidade de gerar espontaneamente lucro, juros e renda da terra como seus frutos. Este tipo de mistificação das relações econômicas na fase final é denominado “coisificação” [*Verdinglichung*], que significa a conversão de Sache em Ding, e é conceitualmente diferente da “reificação” [*Versachlichung*], que significa a conversão da pessoa em coisa [Sache].” ALVES, Giovanni. Reificação, coisificação e fetichismo. 2023. Disponível em: criticadocapital.net/post/reifica%C3%A7%C3%A3o-coisifica%C3%A7%C3%A3o-e-fetichismo. Acesso em: 15 jun. 26.

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

que forma o modelo de linguagem de Maia é forjado no embate entre o discurso institucional do Estado Penal, a lógica do capital e as vozes silenciadas do passado colonial. No mais, como procedimentos adotados na pesquisa descrevemos que: (I) primeiro utilizamos trechos da obra; (II) descrevemos a ambientação na qual os personagens são colocados; (III) interpretamos como essas vozes constroem sentidos e (re)configuram a identidade dos personagens. Em suma, este percurso metodológico busca desvelar a estética do horror neorregionalista na obra de Maia, que emerge da ficção entre sujeito e máquina.

1 O NEORREGIONALISMO E A CONFIGURAÇÃO DO “BRASIL PROFUNDO”

Para delimitarmos, de fato, o neorregionalismo, faz-se necessário, primeiramente, recuar até meados do século XIX, durante o período romântico, aproximadamente na década de 1870. Ao fazermos tal apanhado, podemos observar a gênese do regionalismo, cujo objetivo era retratar a diversidade geográfica, além da cultura do país e, principalmente, destacar as cores locais, exaltando o homem sertanejo e a terra (Cardoso, 2009).

Nesse período, o regionalismo era peça fundamental para mapear um Brasil vasto e desconhecido pelos grandes centros urbanos, operado sob uma lógica muitas vezes idealizadora. Ou seja, foi um período no qual o “outro” — fosse ele o sertanejo, o caboclo ou o gaúcho — era pintado como heróico ou exótico. Logo, com a chegada do modernismo na década de 1930, a perspectiva muda e sofre rupturas. Autores como Graciliano Ramos (1892-1953) e José Lins do Rego (1901-1957) deslocaram seus olhares da exaltação para a denúncia das mazelas do sertão, substituindo as “cores locais” pelo determinismo socioeconômico e pela crueza das ações de poder latifundiárias.

Por outro lado, vale ressaltar que esse deslocamento temático não ocorre sem importantes antecedentes na virada do século XIX para o XX. Dessa forma, ignorar esse hiato temporal significa desconsiderar o cunho de produções naturalistas e, até mesmo, autores que já se debruçavam sobre mazelas “regionais” com peso forte em viés de denúncias. No caso, por exemplo, o escritor Rodolfo Teófilo (1853-1932), na sua obra *A fome* (1980), expoente da literatura Naturalista, voltada para o sertão, e de José do Patrocínio (1854-1905), em *Os Retirantes* (1879). Suas produções destacam-se por assumirem um caráter essencialmente transicional e precursor.

Sobre a estética de Teófilo, Castaldi (2021, p. 271), aponta que seu “naturalismo foi levado a níveis extremos, considerando a ênfase social e o foco que recai sobre a miséria e a pobreza, bem como o apreço pelo patológico”. Desse modo, ao expor as feridas do ambiente e do homem sertanejo sem resquícios de idealismo do passado, tais obras transitam e

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

pavimentam o caminho para expor a crueza crítica que a ficção regionalista consolidaria décadas à frente.

Esse realismo estético, contudo, não provinha do nada; este responde diretamente ao trauma histórico deixado pela grande seca que assolou o nordeste brasileiro dos anos de 1877 a 1880, período este que configurou e gerou profunda instabilidade política no império. Sobre esse cenário de crise e instabilidade política, Maia e Santos (2023, p. 91) comentam que:

[Uma] convulsão social nas províncias do Norte concentrava os olhares do Brasil nas massas sertanejas que ameaçavam a ordem institucional. Tratava-se da seca de 1877-1880, que mais tarde seria referida como a Grande Seca, e seus efeitos sobre o imaginário coletivo brasileiro acerca do sertão só encontrariam paralelo na Campanha de Canudos.

Dessa maneira, tal cenário de convulsão apontado pelos autores, caracteriza a literatura naturalista do período, que não operava apenas como registro estético, mas como uma urgente resposta direta à tamanha realidade traumática. Ao transmutar a crise humanitária da grande seca em matéria literária, tanto Teófilo quanto Patrocínio inauguraram uma linhagem de denúncia que rompeu com a visão idealizadora, e exótica, do interior profundo do país, forçando a intelectualidade urbana a encarar o sertão não mais como um ambiente de idílio romântico, mas sim, um território flagelado e urgência política.

Sendo assim, é a partir do esgotamento e da reatualização dessas fórmulas que surge o neorregionalismo. Essa vertente não se limita a dar continuidade à denúncia social de 1930, mas opera uma drástica mudança de tom: o sertão interiorano deixa de ser visto como espaço de atraso a ser superado pelo progresso, passando a ser compreendido como território onde a perversidade da modernidade globalizada se manifesta sem filtros.

Sobre essa transição do regionalismo para o neorregionalismo, Brito (2016, p. 23), destaca que:

[Nas] produções literárias contemporâneas, observamos o surgimento de uma nova tendência na Literatura Brasileira a partir de 1960, denominamo-la Neorregionalismo, pois ela constitui a manutenção de aspectos da tradição regionalista brasileira do modernismo, como, por exemplo, os diálogos entre a Literatura e a Sociedade, as problematizações sociais, certo engajamento estético-social nas obras, assim como mantém a mesma dinâmica de se trabalhar a ideia do regional como algo meramente local, desprovido de questões universais como os dilemas éticos humanos.

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

Contudo, ao expandirmos essa definição, percebe-se que, diferente de uma visão que concretiza algo totalmente localista, o neorregionalismo como categoria contemporânea utiliza-se do espaço geográfico como laboratório para delimitar dilemas éticos universais, uma vez que a violência e desumanização tornam-se categorias globais. Sobre essa mudança radical na percepção do espaço de formação crítica brasileira, Candido (1989, p. 1) esclarece que:

[...] houve alteração marcada de perspectivas, pois até mais ou menos o decênio de 1930 predominava entre nós a noção de “país novo”, que ainda não pudera realizar-se mas que atribuí a si mesmo grandes possibilidades de progresso futuro. Sem ter havido modificação essencial na distância que nos separa dos países ricos, o que predomina agora é a noção de “país subdesenvolvido”. Conforme a primeira perspectiva salientava-se a pujança virtual e, portanto, a grandeza ainda não realizada. Conforme a segunda, destaca-se a pobreza atual, a atrofia; o que falta, não o que sobra.

A partir desse viés, como visto em Candido (1989), compreende-se que o neorregionalismo contemporâneo resgata a estética da atrofia, mas não apenas como um mero determinismo geográfico intransponível, ou seja, a ideia, agora, parte para um projeto político e econômico de exclusão das classes marginalizadas. A representação desse espaço dilacerado abdica a busca por uma identidade idílica e passa a mapear zonas de descarte humano, onde a ausência de direitos e mercantilização da vida revelam a permanência de estruturas coloniais.

Assim, o neorregionalismo desloca-se da noção de “região” de um espaço marcado pelo determinismo geográfico para uma dimensão simbólica e estrutural, na qual se condensam as próprias tensões contemporâneas. Pode-se observar que o que está em jogo dentro deste campo não é apenas a representação de um espaço periférico, mas também as zonas de abandono nas quais a modernidade falha em cumprir suas promessas de progresso, concretizando, em seu lugar, formas intensas de violência e precarização da vida.

Brito (2016, p. 30) ainda comenta que:

[O] Neorregionalismo não se constitui apenas como neologismo com ideia literária, mas como formulação de uma percepção visando à compreensão da vigência de aspectos regionalistas da atualidade sob outros pilares, que rompem com qualquer reducionismo ou mesmo limitação espacial ou estética a um dado local específico.

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

Dessa maneira, partindo da perspectiva de Brito (2016), compreende-se que o neorregionalismo não apenas revisita as formas anteriores de representação de espaço, mas, fundamentalmente, as tensiona e as ressignifica a partir do próprio conceito de região. Assim, não se trata somente de uma “limitação” geográfica, delimitada por uma gama de conceitos, mas de uma construção discursiva que evidencia os modos produzidos pela modernidade. Nesse viés, a noção de localidade deixa de operar como limite e passa a ser concretizada como ponto de partida para a problematização de questões que extrapolam o território representado.

Por outro lado, é justamente sobre essa mesma lógica de deslocamento que se insere o conceito de “Brasil Profundo”, entendido não apenas como um espaço fixo ou homogêneo, mas um campo simbólico no qual se chocam e se manifestam as formas mais agudas das contradições estruturais do país. Trata-se de um Brasil que, embora historicamente marginalizado, revela com maior densidade os mecanismos de exclusão, violência e desumanização, além das leis que não regem, mas que sustentam, indiretamente, a ordem social contemporânea.

A partir dessa mesma linha de pensamento, Araújo *et al.* (2024, p. 24), comenta que:

O Brasil Profundo é uma noção por meio da qual designamos um amplo conjunto de relações, práticas e representações espalhadas em todo o território nacional, mas pouco ou nada refletidas pelas instituições formais e por seus dispositivos de aplicação de normas e métodos.

Ao transpormos tal lógica descrita por Araújo *et al.* (2024), é possível compreender que a definição de “Brasil profundo” está relacionada principalmente às mediações institucionais e às garantias formais de cidadania, instalando-se como um território onde a precariedade e violência não são exceções, mas estruturas das relações sociais. Araújo *et al.* (2024, p. 26) ainda descrevem que: “O Brasil Profundo é associado às classes subalternas e oprimidas, o empregado da indústria e do campo, que sofrem as desvantagens da luta universal que move a sociedade humana”. Dessa forma, indicamos que o “Brasil Profundo” não se restringe a uma dimensão espacial, mas sobretudo, constitui-se como uma condição histórica e social.

Portanto, quando conectamos a noção de “Brasil Profundo” ao neorregionalismo, podemos observar que tais configurações literárias ultrapassam a mera representação de localidade, apresentando-se de maneira instrumental e crítica diante da realidade contemporânea. Além disso, expondo de maneira contundente as dinâmicas de violência,

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

exclusão e desumanização, o neorregionalismo desloca o olhar crítico do local para o ponto estrutural, evidenciando a permanência de desigualdades históricas em novas configurações.

2.1 A estética do horror e o Horror Neorregionalista

A origem da expressão estética do horror encontra-se perdida no tempo. Contudo, conforme aponta Terêncio (2022, p. 55), em *A angústia e o estranho, um estudo psicanalítico em diálogo com a ficção de horror*, “podemos encontrar seus alicerces na cultura helênica clássica, na qual, por exemplo, sob a pena de Hesíodo, são descritos os horrores do mundo subterrâneo do Hades em que heróis como Ulisses e Enéas se aventuram”. A esse respeito, Terêncio (2022), afirma:

[...] a mitologia clássica é um catálogo interminável de crueldades, como nas histórias de Saturno a devorar seus próprios filhos, de Medéia a massacrá-los para vingar-se do marido infiel, de Tântalo a cozinhar o filho Pélops para servir sua carne aos deuses, entre muitos outros. E não se pode olvidar de Édipo que, mesmo não sabendo, comete tanto o parricídio como o incesto e, em consequência, arranca os próprios olhos (p. 55).

No entanto, é somente a partir do século XVIII, na esteira do surgimento do romance gótico com *O Castelo de Otranto* (1764), de Horace Walpole, que o horror se consolida como uma categoria literária reconhecível. Isso ocorre justamente porque o gótico se apresenta como um espaço especialmente propício para o seu desenvolvimento, uma vez que é composto pela construção de narrativas sóbrias e misteriosas, as quais são ancoradas em cenários assombrados, desolados e atravessadas pela presença do sobrenatural. No entanto, embora esse berço literário tenha proporcionado as bases estéticas fundamentais para alicerçar as narrativas de horror, o horror emerge como um complemento àquilo que as narrativas góticas deixavam de fora; isto é, a centralização do medo e, principalmente, da estética do grotesco nas obras.

Afinal, a palavra “horror”, conforme discutida por Noël Carroll (1999, p. 42), em sua obra *A Filosofia do Horror ou Paradoxos do Coração*, possui sua etimologia enraizada tanto no latim *horrere*, que significa “ficar em pé” (como cabelos eriçados) ou “erigar”, quanto no francês antigo *orror*, com o sentido de “arrepia” ou “erigar”. Trata-se, segundo Terêncio (2022, p. 55), de uma categoria literária que ganha destaque pela estética do “estranho” e do “sinistro” — “aquilo que assusta, que provoca medo, horror, repulsa e aflição”. Mas não do “estranho” que assusta por ser um fenômeno ou um ser sobrenatural de origem desconhecida, mas, sobretudo, por sua condição profundamente familiar à realidade. Dessa forma, o horror se consolida como um gênero que “sangra”, que provoca repugnância, nojo e pavor, revelando ao receptor aquilo que o gótico e o terror tendem a ocultar, expondo o monstruoso à luz.

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

Tais reações, para Nestarez (2024, p. 32), em sua tese *Uma história da literatura de horror no Brasil: fundamentos e autorias*, compõem aquilo que o autor denomina como “efeito causado ou pela intenção de fazê-lo”, isto é, a resposta provocada pela estética do conteúdo do gênero do horror no apreciador — seja leitor ou telespectador. Esse efeito é também compreendido por Terêncio (2022, p. 62) como uma espécie de “congelamento e contração da alma, o que se aproxima da angústia neurótica, como um ‘estreitamento’, como algo que asfixia e aniquila o sujeito, configurando-se como uma experiência que se aproxima do “intolerável, aglutinando as dimensões do pavor, da aversão e da ojeriza” (Terêncio, 2022, p. 62), a partir da percepção de uma constatação visual que se impõe como real.

Dessa forma, estrutura do Gótico não se limita a um conjunto de cenários anacrônicos ou assombrações clássicas: esta sofre metamorfoses, assim como uma matriz discursiva e flexível, cujo ressurgimento contemporâneo atesta sua capacidade de traduzir crises civilizatórias. Longe de ser uma estética superada, as narrativas góticas operam por meio do tensionamento dos limites da razão, utilizando o isolamento, a atmosfera opressiva e o medo do colapso institucional para externalizar o mal-estar social. Sobre a metamorfose e a reatualização do gótico diante das ansiedades da modernidade, França (2016, p. 5) indica que:

O homem moderno passou a experimentar o tempo como o advento de coisas sempre inéditas, transformando o futuro em algo cada vez menos previsível. Em um mundo onde as tecnologias aceleraram o trabalho, os transportes, as comunicações e tantas outras instâncias da vida cotidiana, havia cada vez menos tempo para se assimilar e se adaptar a novas experiências.

Sendo assim, indicamos que com essa aceleração, as metamorfoses do gótico contemporâneo abandonaram o assombro metafísico para configurarem-se na crueza do cotidiano laboral. Logo, é nessa engrenagem que emerge a centralidade do monstruoso, reatualizando por vertentes como o *New Weird*. Taniguchi (2021, p. 59) ainda discorre que:

O *New Weird*, devido ao fato de se tratar de uma tendência relativamente contemporânea, possui opiniões divergentes acerca de seus principais aspectos e até mesmo de sua efetiva existência, mas também representa um momento consideravelmente diferente para as discussões teóricas, uma vez que seus principais debates surgem por meios que apenas a contemporaneidade poderia disponibilizar.

Portanto, apontamos que as ferramentas e as dinâmicas da atualidade não apenas difundem o *New Weird*, como também moldam sua própria estrutura estética. Logo, ao cruzar as fronteiras globais e se estabelecer no cenário brasileiro, essa nova tendência passa por uma nova filtragem cultural, fissurando as especificidades locais para dar formato ao horror neorregionalista. Desse modo, o bizarro, o grotesco e o insólito deixam de habitar cenários

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

abstratos para ocuparem-se paisagens marcadas pelas assimetrias do desenvolvimento nacional.

Na contemporaneidade, a literatura de horror ganha um caráter mais expansivo, indo além da “capacidade de nomear o não dito, de tensionar os limites da linguagem e de colocar o leitor diante do desconforto, seja ele físico, psicológico, cultural ou metafísico” (Souza, 2025, p. 22). Nessa nova vertente, “o horror tem sido abordado não apenas como gênero, mas como uma poderosa ferramenta estética de crítica social” (Souza, 2025, p. 22), focando na exposição daquilo que a sociedade tende a silenciar ou naturalizar, como as violências estruturais — sociais, políticas, econômicas e culturais.

É, portanto, nesse contexto que se insere o que chamamos de horror neorregionalista, uma vertente que articula a tradição contemporânea do regionalismo brasileiro com a estética do horror. Tal vertente conjuga, por um lado, o neorregionalismo, uma “ficção que, por sua vez, reatualiza seu compromisso com o retrato crítico das realidades locais, abrindo os olhos do leitor, pela sensibilidade da palavra literária, para uma problemática que agora é tanto sua quanto do outro” (Pinto, 2021, p. 35) — com seu caráter denunciativo das mazelas sociais, das precariedades das periferias, dos trabalhos desumanizadores e dos espaços urbanos subalternizados —, e, por outro, o gênero do horror, que intensifica essas representações ao propor uma dimensão mais grotesca, perturbadora, impactante e real, transformando e potencializando, esteticamente, aquilo que já se apresentava como socialmente violento e repulsivo em algo ainda mais incisivo, de modo que o apreciador da obra não apenas compreenda racionalmente tais críticas, mas, também, as experimente de forma sensível e visceral, sentindo, intensamente, os efeitos provocados pela narrativa.

Visto isso, no horror neorregionalista, o medo não decorre de elementos sobrenaturais, como apontado por H. P Lovecraft (2008), mas da própria realidade concreta, na qual os espaços subalternizados, os trabalhos precarizados e os sujeitos marginalizados tornam-se os principais elementos da construção do horror. Afinal, trata-se de uma estética que desloca o foco do “monstro” para as estruturas sociais, verdadeiras construções monstruosas, evidenciando que o verdadeiro horror se encontra enraizado nas próprias condições de vida que são impostas aos grupos que residem às margens da sociedade elitizada — os marginalizados.

Ademais, a transmutação também ocorre em sólido amparo teórico na chamada “pedagogia do monstro”, formulada por Jeffrey Jerome Cohen. Segundo Cohen (2000), o corpo do monstro funciona como um puro texto cultural, ou seja, este é um mapa que sinaliza os medos, os recalques e as fraturas políticas de uma determinada época e sociedade. Sendo

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

assim, a figura monstruosa nunca emerge por acaso, ela opera como dispositivo pedagógicos, neles estão em confronto as crises sociais estruturais e traumas históricos. Para Cohen (2000, p. 14), “poucos acreditam, hoje, numa visão transparente da sociedade, a qual, para começar, supõe uma concepção da sociedade como única e unificada”.

Diante do exposto, Pinto (2021, p. 35), em *A terra, o homem e a luta: o neorregionalismo em romances* de Antônio Torres e Ronaldo Correia de Brito, afirma que “a (re)existência e a (re)formulação do neorregionalismo revela sobretudo a emergência de novas possibilidades representacionais que apreendem o fluxo de interações que caracteriza o mundo contemporâneo”. Nessa perspectiva, a articulação entre estética do horror e do neorregionalismo permite compreender como a literatura contemporânea brasileira ressignifica essas duas vertentes e transforma-as em uma ferramenta de denúncia, um subgênero — horror neorregionalista —, capaz de expor aquilo que é sistematicamente ocultado: a precarização da vida, a desigualdade social e os processos de desumanização.

2.2 Necropolítica, espaço e corpo como “refugo”

Ao apontarmos as categorias voltadas às dinâmicas de violência, de exclusão e de desumanização que atravessam a literatura contemporânea, sobretudo aquela vinculada ao horror neorregionalista, torna-se pertinente mobilizarmos, também, as categorias teóricas que permitam analisar os modos pelos quais a vida e a morte são administradas nas sociedades. Nesse sentido, recorreremos ao conceito de necropolítica, formulado por Achille Mbembe em obra homônima (2018), o qual se apresenta como fundamental ao evidenciar que o exercício e a “expressão máxima de soberania se estabelece, sobretudo, pela capacidade de ditar quem pode viver e quem deve morrer” (Mbembe, 2018, p. 5).

Diferentemente das formulações da biopolítica, formulada por Foucault (1988 *apud* Danner, 2017, p. 11) — “um poder que gera a vida e a faz se ordenar em função de seus reclamos” — a necropolítica definida por Mbembe (2018) desloca o foco para a industrialização sistemática da morte, seja ela física ou simbólica. Afinal, trata-se de “uma política de morte que se *manifesta* contra um inimigo interno, contra a outra ‘raça’ ameaçadora e indesejável” (Alves, 2021, p. 219, grifo nosso), sob a configuração de um “mundo da soberania ou da morte” (Mbembe, 2018, p. 15). Nesse sentido, constitui-se “um mundo no qual o limite da morte foi abandonado [...] e sua presença *passa a definir um espaço marcado pela violência*” (Mbembe, 2018, p. 15, grifo nosso). É nesse contexto que os grupos mais vulneráveis — “desprovidos de estatuto político e reduzidos a seus corpos biológicos” (Mbembe, 2018, p. 8) — são submetidos a condições de abandono, à violência contínua e à negação do acesso a direitos básicos.

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

Nessa lógica, o espaço, controlado por um poder soberano — o “Estado nazista”, a partir de Foucault (1997 *apud* Mbembe, 2018, p. 19) —, ou, simplesmente, uma instituição fascista, aproxima-se do que Araújo *et al.* (2024) denominam de “Brasil profundo” ou “cidade ajoelhada”, em diálogo com a leitura foucaultiana retomada por Mbembe (2018, p. 41). Nesse sentido, tal estruturação do espaço pode ser compreendida a partir da descrição de Foucault (1997 *apud* Mbembe, 2018, p. 41):

A cidade do colonizado [...] é um lugar de má fama, povoado por homens de má reputação. Lá eles nascem, pouco importa onde ou como; morrem lá, não importa onde ou como. É um mundo sem espaço; os homens vivem uns sobre os outros. A cidade do colonizado é uma cidade com fome, fome de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma vila agachada, uma cidade ajoelhada.

Por outro viés, esse poder não se manifesta apenas pelo corte de serviços básicos destinados a uma dada sociedade ou pelo abandono. Ele também se expressa na ação dos detentores do capital, que se apropriam da situação de vulnerabilidade socioeconômica dos sujeitos marginalizados, impondo-lhes uma lógica capitalista e transformando-os em meros escravos, “tratados como se não existisse, exceto como mera ferramenta e instrumento de produção” (Mbembe, 2018, p. 30), uma vez que seu trabalho responde a uma lógica de mera necessidade.

Nessa perspectiva,

esse poder sobre a vida do outro assume uma forma de comércio: a humanidade de uma pessoa é dissolvida até o ponto em que se torna possível dizer que a vida do escravo é propriedade de seu senhor. Dado que a vida do escravo é como uma “coisa” possuída por outra pessoa (Buck-Morss, 2000 *apud* Mbembe, 2018, p. 30).

Sobretudo, até então tratamos de uma forma de morte indireta, uma espécie de “deixar morrer”. Todavia, situações mais adversas, nas quais os espaços subalternizados tornam-se alvos de extermínio por uma soberania que se estabelece sob um “estado de exceção”, são definidas por Achille Mbembe (2018, p. 35) como “colônias”. Segundo o autor, as colônias são concebidas e confrontadas como mundos criados e habitados por “selvagens”; “são o local por excelência em que os controles e as garantias de ordem judicial podem ser suspensos — a zona em que a violência do estado de exceção supostamente opera a serviço da ‘civilização’” (Mbembe, 2018, p. 35).

Segundo o autor, as colônias são concebidas e confrontadas como mundos criados e habitados por “selvagens” e constituem “o local por excelência em que os controles e as garantias de ordem judicial podem ser suspensos”. Tal definição evidencia que a escolha de

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

uma “colônia penal” como cenário central do romance *Assim na terra como embaixo da terra* (2017) não foi casual, uma vez que esse espaço materializa a mesma lógica descrita por Mbembe (2018), ao reunir uma rede de sujeitos socialmente marginalizados e oriundos dos espaços refugados em um cárcere marcado pelo desamparo jurídico, pela exploração análoga à escravidão e pelo massacre, no qual são reduzidos, diariamente, à condição de vidas matáveis e tratados como animais selvagens, submetidos a um trabalho brutal e, por fim, exterminados como presas de caça.

Logo, nesses espaços de extermínio, o ser soberano — “aquele que age como se a morte não fosse... [...], a transgressão de todos os limites” (Mbembe, 2018, p. 15) — passa a atuar como um caçador. Sob essa lógica, a população-alvo é reduzida a meras vidas “selvagens”, animalizadas ou, até mesmo, desumanizadas, passíveis de eliminação sem que haja questionamentos ou punições pelos atos de matar. Nesse sentido, como afirma Mbembe (2018, p. 36), “o direito soberano de matar não está sujeito a qualquer regra nas colônias. Lá, o soberano pode matar a qualquer momento ou de qualquer maneira. A guerra colonial não está sujeita a normas legais e institucionais”.

Dessa forma, diante de tais perspectivas teóricas, evidencia-se que a *necropolítica*, conforme formulada por Achille Mbembe (2018), não se limita à administração da morte em sua dimensão física e direta, mas configura-se como uma lógica soberana e sistemática capaz de moldar, manipular e controlar os espaços e os sujeitos por meio da violência e da desumanização.

2 VOZES DO SUBSOLO: O PLURIVOCALISMO E A COISIFICAÇÃO DO SUJEITO EM *ASSIM NA TERRA COMO EMBAIXO DA TERRA* (2017)

A partir das discussões desenvolvidas — O Neorregionalismo e a configuração do Brasil Profundo, a estética do horror, o horror Neorregionalista e, principalmente, as relações entre necropolítica, espaço e o corpo como “Refugo” — torna-se possível compreendermos as configurações de determinadas produções literárias contemporâneas. Além disso, evidencia-se a maneira em que se constroem as narrativas marcadas pela intensificação da violência e da precarização da vida.

Levando em consideração esse horizonte teórico, tais categorias não apenas se entrelaçam, mas atuam como modos de representação que marcam a radicalização da experiência humana em contextos de exclusão, nos quais a existência se encontra constantemente atravessada pelas dinâmicas de desumanização.

Conforme proposto por Bakhtin (2002, p. 161):

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

O diálogo do romance enquanto forma composicional está indissolivelmente ligado ao diálogo das linguagens que ecoa nos híbridos e no pano de fundo dialógico do romance. Por isso, o diálogo no romance é um diálogo de uma espécie particular. Antes de tudo, [...] ele não pode se esgotar nos diálogos pragmáticos e temáticos dos personagens. Ele carrega em si a multiformidade infinita das resistências dialógicas e pragmáticas do tema, que não o resolvem e nem o podem resolver, as quais apenas ilustram (como uma das numerosas possibilidades) este diálogo profundo e desesperado das linguagens, determinado pela própria transformação socioideológica das linguagens e da sociedade.

A partir da perspectiva bakhtiniana, compreende-se que o plurivocalismo é uma forma pela qual a narrativa articula um conjunto de vozes distintas que entram em confronto no interior de um texto. Assim, tais vozes não se organizam de maneira subordinada, porém coexistem em tensão, expressando diferentes posições ideológicas ou sociais. Desse modo, o plurivocalismo não apenas intensifica o campo de significação da narrativa, mas também configura a fragmentação do sujeito, uma vez que concretiza discursos múltiplos e conflitantes.

Essa configuração torna-se evidente na obra *Assim na terra como embaixo da terra* (2017). Ana Paula Maia constrói personagens cujas falas são atravessadas por uma mesma lógica de violência e degradação. Em diversos momentos, as falas dos personagens não se apresentam como discursos individuais ou meramente autônomos, mas carregados de enunciados compostos por condições sociais que os ultrapassam, revelando um embate de vozes que expressam resignação, brutalidade e naturalização da morte.

Podemos notar tal mecanismo no início da narrativa, marcado pela degradação ambiental e pelo deslocamento dos personagens. Como exemplo, trazemos o seguinte trecho: “*Um córrego estreito e malcheiroso fornece água, porém mingua visivelmente dia após dia, sugado pelo calor intenso que o evapora e deixa o ar úmido e pesado*” (Maia, 2017, p. 7, grifo nosso). Observamos aqui uma descrição que extrapola a mera ambientação física para configurar o que se pode chamar de paisagem antropomórfica da escassez. A “mingua” e o “ar úmido e pesado” (Maia, 2017, p. 7), acentuam o esgotamento vital dos corpos confinados na colônia penal. A natureza não oferece refúgio, mas atua como engrenagem da necropolítica. Nesse espaço, o sujeito, ao ser privado de condições básicas que integram sua composição biológica, antecipa sua coisificação.

Nesse sentido, torna-se evidente aquilo que é denominado de biopolítica, tal como desenvolvido por Michel Foucault. Danner (2010, p. 144), discorre, em seu trabalho intitulado *O Sentido da Biopolítica em Michel Foucault*, que:

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

[A] constituição do Estado moderno, com a gênese e o desenvolvimento das novas relações de produção capitalistas, leva à instauração da anátomo-política disciplinar e da biopolítica normativa enquanto procedimentos institucionais de modelagem do indivíduo e de gestão da coletividade; em outras palavras, de formação do indivíduo e de administração da população.

Sendo assim, a biopolítica foucaultiana manifesta-se na obra de Maia como uma tecnologia de controle que reduz o detento à sua dimensão orgânica ao mesmo tempo que transforma a colônia penal em um espaço de exceção no qual a gestão da vida se confunde com a administração da morte. Logo, ao cruzar essa perspectiva com o “Plurivocalismo Bakhtiniano”, nota-se que a “formatação do indivíduo” não ocorre apenas no ápice do plano físico, mas penetra-os na sua própria linguagem. Ou seja, as vozes dos personagens são permeadas pela lógica da degradação e passam a refratar a erosão de sua autonomia subjetiva, à medida que os personagens são absorvidos pela paisagem antropomórfica da escassez.

Ademais, a “formação” da biopolítica na narrativa atinge seu ápice sensorial quando é transferido para a cena do personagem Valdênio, que “arrasta a perna doente como se estivesse atado a uma bola de ferro. Seu caminhar lembra o flagelo de um prisioneiro, ainda vivendo com relativa liberdade, que nunca se esquece de sua verdadeira condição” (Maia, 2017, p. 11). Aqui, notamos que o horror neorregionalista aparece transmutado, pois o caminhar de Valdênio não representa apenas uma sequela física, mas a transfiguração de uma tortura eterna, na qual o próprio prisioneiro torna-se a representação máxima da identidade do Brasil Profundo. Portanto, a estética do horror aqui não se concretiza unicamente no sobrenatural, mas na anomalia da normalidade: a perna de Valdênio é a exteriorização de um sistema necropolítico que mutila o corpo humano para não esquecer sua própria condição limitada e finita.

Por isso, a engrenagem da necropolítica atinge sua extensão mais visceral quando acontece a descrição da tortura imposta ao corpo, como visto em: “apanhou dezenas de vezes, teve o crânio esmagado, o maxilar deslocado, braços e pernas quebrados; por fim, um dia ficou lesionado da perna quando foi jogado da laje de um pavilhão (Maia, 2017, p. 11). O medo é destituído de qualquer aura metafísica e instala-se no contexto de dor, na qual percebe-se que o horror reside no emparelhamento do Estado como uma máquina de triturar a carne dos cidadãos. Por isso, a lesão apresentada na perna de Valdênio, resulta do ato de ser “jogado da laje de um pavilhão” (Maia, 2017, p. 11), visto que não foi um acidente, mas o selo final da biopolítica que o disciplina através da invalidez.

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

Outrossim, se a biopolítica foucaultiana disciplina o corpo em sua dimensão biológica, a lógica do capital encontra-se como segunda força deste embate plurivocal; ela introduz o sujeito ao valor de mercadoria descartável. Como exemplificação, citamos a seguinte passagem: “Sua alma e seu corpo não pertencem mais a você. Seu direito de saber também não. Só vai saber o que eles quiserem que você saiba (Maia, 2017, p. 19). Aqui, percebemos que o sujeito teve toda a sua subjetividade retirada. Ao observarmos esse trecho, notamos que o trabalho degradante dentro do circuito penal atua como um mecanismo de exposição total, ou seja, retira do indivíduo todo o domínio de si. Tal dinâmica converge com as reflexões de Harvey (2005, p. 72), o qual define capital como:

[...] um sistema de exploração geral das qualidades naturais e humanas [...] por isso, a grande influência civilizadora do capital; sua produção de um estágio da sociedade em comparação ao qual todos os estágios anteriores parecem como meros desenvolvimentos locais da humanidade e como mera idolatria da natureza. Pela primeira vez, a natureza se tornou objeto para a humanidade, simplesmente uma matéria de utilidade.

Sendo assim, indicamos que o horror neorregionalista presente na passagem anterior não reside no extraordinário, mas na própria radicalização dessa utilidade, conforme explorada por Harvey (2005). Quando a narrativa se desloca para a perda da alma e do corpo, fica evidente a vitória do discurso monológico e utilitarista que silencia o sujeito. Assim, esse embate dialógico que sustenta a voz do capital que se sobrepõe à existência humana, reduzindo o detento a um organismo da paisagem degradada. Logo, a coisificação não é apenas um efeito colateral do sistema penal, mas finalidade única que transforma a vida em refugio e subjetividade em matéria inerte, ecoada em uma lógica de exploração, mesmo modernizada pela técnica, ainda mantém suas raízes profundas na estrutura colonial de desumanização.

No mais, se a lógica capital exaure o sujeito até convertê-lo em matéria de utilidade, essa mesma força intensifica a centrifugação sobre o território, esvaziando toda sua vitalidade biológica, como é visto em:

Não havia placas de sinalização que direcionassem a um caminho. O asfalto estava cheio de rachaduras e depressões. Nenhum animal rastejava no acostamento. Nenhum pássaro no céu ou mesmo pousado em uma árvore. Nenhum arrulhar. Nenhum ninho. Nem mesmo o vento era possível ser sentido. Ao olhar para trás, não podia ter certeza de seguir para o início ou para o fim, pois ambas as direções se assemelhavam. (Maia, 2017, p. 20)

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

Dessa forma, a paisagem descrita, ubíqua e indistinta entre o fim e o início do trajeto, ocasiona a materialidade e a circularidade do “Brasil Profundo”. O tempo e a vida biológica aparecem de forma expulsa, funcionando como vozes do passado colonial silenciadas entrando em ressonância. Como se vê em “o asfalto estava cheio de rachaduras e depressões” (Maia, 2017, p. 20) e as estradas sem sinalização mostram não apenas sinais de abandono estatal, mas também vestígios de poder que, desde os tempos coloniais, isola e oculta seus indesejáveis em territórios de esquecimento. Logo, o silêncio da natureza se concretiza como uma das vozes do plurivocalismo, descrito por Maia como “nenhum pássaro no céu ou mesmo pousado em uma árvore. Nenhum arrulhar. Nenhum ninho” (Maia, 2017, p. 20), são descrições que abrem espaço para que outro tipo de voz emergja. Ou seja, um sistema histórico que apenas trocou de roupa, mas que ainda retém a mesma lógica de desumanização e invisibilização do período escravocrata.

Essa desolação geográfica e diálogo com a memória do passado colonial ecoam ao longo de todo o romance de Ana Paula Maia, a exemplo do personagem Bronco Gil, que lucra ao matar e exterminar, como visto em “Bronco Gil já matou espécies diferentes de homens e mulheres. Cumpre pena por apenas um crime: o assassinato do prefeito de uma cidade do interior. Ganhou um bom dinheiro, mas acabou sendo pego” (Maia, 2017, p. 21). A vida em si, para Bronco Gil, não importa: a lógica do capital faz com que o sujeito retire toda a sua essência de compaixão. O crime acontece como um ofício e o corpo representa apenas uma transação financeira. Bronco Gil, ao eliminar as espécies em troca de dinheiro, atualiza a figura do jagunço para o contexto atual de necropolítica contemporânea. A vida humana, nesse cenário, é precificada, e o Estado, no contexto do sistema penal, atua apenas como uma engrenagem que falha, no contexto do capitalismo tardio.

Logo, o ápice do caráter mercantil atinge sua extremidade máxima, com o diálogo cru que expõe a negociação do extermínio de uma vida: “— Quem a senhora quer matar? — O homem lá. — Tem dinheiro? — A gente tá tentando juntar pra pagar o pistoleiro. *Vamos dar um jeito de arranjar o dinheiro*” (Maia, 2017, p. 34, grifo nosso). Nota-se, a partir desse diálogo, que a morte no universo de Maia é destituída de qualquer peso moral ou metafísico, sendo reduzida a uma prestação de serviço, condicionalmente adquirida pelo pagamento. A pergunta direta “— Tem dinheiro?” (Maia, 2017, p. 34), caracteriza-se como um divisor de águas entre o extermínio, confirmando que, no horror neorregionalista, o capital é o principal mediador das relações sociais.

Dessa forma, o desfecho se desenrola de forma mais violenta possível. Bronco Gil, consolida o que chamamos de estética da crueza no horror neorregionalista, quando é descrito o seguinte fato:

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

O corte foi apenas superficial. Apanhou papel higiênico e conteve o sangramento por alguns minutos. Jogou-o no vaso sanitário e deu descarga. Por pouco essa teria sido a sua última noite. Deveria ter feito um serviço limpo. Mas estava feito. Os gatos lambiam o sangue do homem no chão com a mesma avidez com que beberam o leite horas antes. Bronco Gil saiu pela porta da frente, caminhou até sua bicicleta e pedalou para casa. (Maia, 2017, p. 38)

Sendo assim, observamos, nesse trecho, o ciclo do plurivocalismo, que se fecha com uma vitória do *monologismo da barbárie*. Notamos que não há diálogo e nem lamento nesse espaço; há apenas o descarte do papel do sujeito e a indiferença dos animais: “Os gatos lambiam o sangue do homem no chão” (Maia, 2017, p. 38). Bronco Gil, após realizar seu serviço, volta à sua rotina normal, pedalando em sua bicicleta para casa, transportando consigo a normalidade de um sistema em que a vítima foi integralmente executada e convertida em mercadoria descartável em um território silenciado considerado como um matadouro.

Por fim, a atmosfera mais profunda do horror neorregionalista manifesta-se não no ato da morte, mas no rastro de náuseas deixadas pelo executor diante o trabalho executado:

Questionou se havia deixado para trás algum vestígio, mas acreditava que não. Mesmo que houvesse pistas, não havia muito com o que se importar. Não haveria buscas pelos culpados. Ninguém se importava e ele sabia disso. No caminho de volta para casa, precisou parar para vomitar. *Matar um homem era muito diferente de matar javalis. Sentia-se fazendo o trabalho sujo dos outros, atando os demônios alheios. Era a primeira pessoa que ele mandava para o inferno.* (Maia, 2017, p. 38, grifo nosso)

Ao questionar a si mesmo da existência de rastros deixados para trás, e concluir que “não havia muito com o que se importar” (Maia, 2017, p. 38), a narrativa afirma o teste de refugio: tanto o estado e a sociedade operam em consenso de silêncio, concretizando que a busca pelos culpados é inexistente, pois, a vítima foi totalmente anulada. Em vista disso, o plurivocalismo surge no plano fisiológico, ou seja, o ato de parar de vomitar sinaliza o limite da coisificação. Quando Bronco Gil distingue o assassinato do homem daquele realizado para com o javali, restaura a lógica do capital que tentou suprir. Logo, o mal-estar físico é o último vestígio da humanidade em um universo dominado pela crueza; é a percepção de uma lacuna existente às margens do “Brasil Profundo”, que o próprio sujeito é vítima da engrenagem, restando-lhe por consequência apenas o papel de “atar os demônios alheios” (idem), em um circuito da morte sem redenção.

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, a obra *Assim na terra como embaixo da terra* (2017), de Ana Paula Maia, revelou-se um objeto de estudo fundamental para a construção do conceito acerca do que denominamos “horror neorregionalista”. Uma vez que sua narrativa, ambientada em uma colônia penal, erguida sobre um antigo cemitério de escravizados e continuamente reformada por corpos e por sangue dos sujeitos miseráveis do presente, evidencia e reflete acerca da continuidade da violência, a partir dos elementos que perpassam a dimensão ficcional. Nesse sentido, tal perspectiva está em consonância com o estilo de escrita da autora, que, por sua vez, contribui, incisivamente, para a formulação desse subgênero ao articular, de maneira visceral, o espaço, o corpo e o poder, de modo que o horror se desvincule da estética do fantástico e do sobrenatural e se apoie, intrinsecamente, nos elementos da realidade social, sobretudo, nas violências — estrutural, social, cultural, simbólica — que se encontram enraizadas nos territórios marginalizados.

O conceito de horror neorregionalista, conforme desenvolvido ao longo desta discussão, configura-se como uma vertente contemporânea que articula a tradição crítica e denunciadora do neorregionalismo à estética do horror através de narrativas que deslocam o medo do campo do sobrenatural para a dimensão mais concreta das relações sociais e reais e que constroem o horror pautado nas lógicas de exploração, de violência e desumanização. Assim, trata-se de um “regional” que, sob a percepção de Brito (2016), deixa de ser apenas um recorte geográfico ou um mero plano de fundo e passa a funcionar como uma zona de confronto simbólico onde se intensificam as contradições históricas e sociais, de um horror que potencializa essas tensões ao provocar no leitor uma experiência sensível, marcado pelo desconforto, pela repulsa e pela consciência crítica.

No que diz respeito aos objetivos propostos, este estudo alcançou sua finalidade ao analisar como o horror neorregionalista se configura na obra de Ana Paula Maia. Também se demonstrou que a narrativa mobiliza essa estética como ferramenta de denúncia social, evidenciando a “coisificação” do sujeito e a naturalização da violência. Além disso, verificou-se que, no universo ficcional analisado, o horror é naturalizado e incorporado à rotina das personagens, deixando de operar como evento extraordinário para configurar-se como princípio estruturante da experiência narrada, uma vez que a brutalidade, a degradação dos corpos e a desumanização não se configuram como eventos isolados ou choques pontuais, mas como parte da rotina e da vida dos personagens, revelando a lógica estrutural que sustenta o chamado “Brasil Profundo”.

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

As seções do referencial teórico foram fundamentais para sustentar essa análise, visto que a discussão sobre o neorregionalismo e o “Brasil profundo” permitiu compreender o deslocamento do regional para uma dimensão crítica e denunciativa; a abordagem acerca da estética do horror possibilitou delimitar suas transformações históricas, suas especificidades e seus conceitos; e a articulação com os conceitos de necropolítica, espaço e corpo como “refugo” forneceu as bases fundamentais para interpretar a violência como prática sistemática de poder sobre a vida e a morte.

No âmbito metodológico, a utilização do “Plurivocalismo Bakhtiniano” se mostrou eficaz para a análise da obra pois permitiu identificar o embate entre as diferentes vozes que estruturam a narrativa. Nesse sentido, a partir dos procedimentos adotados, como a seleção de trechos, a descrição da ambientação e a interpretação das vozes, foi possível evidenciar como a “linguagem” da obra é atravessada por discursos que refletem e reproduzem as condições sociais dos personagens.

Por fim, conclui-se que *Assim na terra como embaixo da terra* (2017) constitui uma obra de caráter exemplar para a compreensão do horror neorregionalista e que a literatura de Ana Paula Maia não apenas representa a realidade, mas a tensiona, expondo suas fissuras e denunciando a permanência da violência e da desumanização que se faz ainda presente na sociedade contemporânea.

Referências

- ALVES, Marcos Antônio. Sobre a necropolítica em Achille Mbembe: da colônia à pandemia. **Revista Trieb**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, pp. 209–221, mai. de 2021. Disponível em: bivipsi.org/wp-content/uploads/2021-sbprj-trieb-v20-n1-14.pdf. Acesso em 12 de jan. 2026.
- ARAÚJO, Tiago Medeiros; ORNELAS, Rodrigo; ARAÚJO, Sinval; BALDAIA, Fabio. **O bolsonarismo e o Brasil profundo**: a dimensão sociocultural do fenômeno e seus elementos formativos. Iguatu: Quipá Editora, 2024.
- BRITO, Herasmo Braga de Oliveira. **A configuração do neorregionalismo literário brasileiro**. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**: Estudos de teoria e história literária. 1ª edição. São Paulo: Todavia, 2023.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e subdesenvolvimento**. In: CANDIDO, Antonio. A educação pela noite & outros ensaios. São Paulo: Ática, 1989, pp. 140-162.

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

CARDOSO, Ana Maria Leal. **Literatura brasileira I**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2009.

CARROL, Noel. **A filosofia do horror ou paradoxos do coração**. São Paulo: Papirus, 1999.

CASTALDI, João Luiz Xavier. A fome de Rodolfo Teófilo: voz naturalista, fôlego romântico. **Eixo Roda**, Belo Horizonte, v. 30, n. 3, pp. 269-289, 2021.

DANNER, Fernando. O sentido da biopolítica em Michel Foucault. **Revista Estudos Filosóficos**, São João del-Rei, n. 4, pp. 143-157, 2010.

DANNER, F. O Sentido da Biopolítica em Michel Foucault. **Revista Estudos Filosóficos** - UFSJ, n. 4, 2017. Disponível em: periodicos.ufsj.edu.br/estudosfilosoficos/article/view/2357. Acesso em: 20 mar. 2026.

FRANÇA, Júlio. O gótico e a presença fantasmagórica do passado. **Anais eletrônicos do XV encontro da ABRALIC**, v. 1, pp. 2492-2502, 2016.

HARVEY, David. **A produção Capitalista do espaço**. Tradução de Carlos Szlak. São Paulo: Annablume, 2005.

LOVECRAFT, H. P. **O horror sobrenatural em literatura**. São Paulo; Iluminuras, 2008.

NESTAREZ, Oscar. **Uma história da literatura de horror no Brasil**: fundamentos e autorias. Tese (Doutorado em Letras). São Paulo: USP, 2022. Disponível em: teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8156/tde-05102022-192221/en.php. Acesso em: 10 fev. 2026.

MAIA, Ana Paula. **Assim na terra como embaixo da terra**. 9ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2025.

MAIA, Mateus de Novaes; SANTOS, Claudete Daflon dos. Bocas tortas: naturalismo sertanejo e literatura das secas no Brasil. **Terra Roxa e Outras Terras**: Revista de Estudos Literários, v. 43, n. 2, pp. 90-102, dez. 2023.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. Tradução de Renata Santini. 14ª reimpressão. São Paulo: n. 1 edições, 2025.

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

PINTO, Natália. **A terra, o homem e a luta**: o neorregionalismo em romances de Antônio Torres e Ronaldo Correia Brito. Tese (Doutorado em Letras). Porto Alegre: UFRGS, 2021. Disponível em: lume.ufrgs.br/handle/10183/233258. Acesso em: 10 fev. 2026.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Pedagogia dos monstros**: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOUZA, Pedro. **A construção do medo em Sina**: Análise da estética do horror na obra de Márcio Benjamin, No Capítulo “Confirme Presença”. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Língua Portuguesa) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2025.

TANIGUCHI, André Karaszuk. **O new weird: a fundamentação de um subgênero da fantasia em exorcismos, amores e uma dose de blues, de Eric Novello**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2021.

TERÊNCIO, Marlos. **A angústia e o estranho**: um estudo psicanalítico em diálogo com a ficção de horror. Curitiba: Appris, 2022.

Recebido em: 26/04/2026

Aceito em: 28/06/2026

Publicado em: 16/07/2026

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

**BETWEEN THE ROCKY AND BLOODY SOIL AND THE ANNIHILATION
OF THE SUBJECT: THE NEOREGIONALIST HORROR IN *ON EARTH
AS IT IS BENEATH* (2017), BY ANA PAULA MAIA**

Brendo Teixeira Pereira

Universidade Estadual do Maranhão

brendoteixeira05@gmail.com

Luan Santos Oliveira

Universidade Estadual do Maranhão

luan.uema2022@gmail.com

Yasmine Sthéfane Louro da Silva

Universidade Estadual do Maranhão

yasmine.silva@cessin.uema.br

ABSTRACT

This article aims to analyze the configuration of neoregionalist horror in Ana Paula Maia's work, *On Earth As It Is Beneath* (2017). The narrative, set in an isolated penal colony built on an old slave cemetery, is explored as a metaphor for violence and the disposal of bodies in contemporary Brazil, specifically in the so-called "deep Brazil". The methodology of this research is centered on the key term "Bakhtinian Plurivocalism" as a way to group a set of voices that clash within the narrative. Furthermore, we rely on Bakhtin's (2002) reflections, focusing on polyphony and dialogism in the work. Regarding the aesthetics of horror, we refer to Carroll (1990) and Terêncio (2022). As for the critical discussion on space and society, we directly engage with the perspectives of Harvey (2005), Brito (2016), and Candido (2023). As a result, we conclude that the configuration of neoregionalist horror manifests itself in Maia's work as a critique of a society that dehumanizes the individual and turns them into refuse, showing that, in the "stony ground" of Deep Brazil, a territory of exception in which the legacy of slavery and the capitalist logic converge to the physical and ontological annihilation of the marginalized subject, the dehumanization of subjects occurs through work.

Keywords: Horror; Neo-regionalism; Plurivocalism; Deep Brazil; Ana Paula Maia.

DOSSIÊ "GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO"

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about

**ENTRE EL SUELO ROCOSO Y SANGRIENTO Y LA ANULACIÓN
DEL SUJETO: EL HORROR NEOREGIONALISTA EN *ASÍ EN LA
TIERRA COMO DEBAJO DE LA TIERRA* (2017), DE ANA PAULA MAIA**

Brendo Teixeira Pereira

Universidade Estadual do Maranhão

brendoteixeira05@gmail.com

Luan Santos Oliveira

Universidade Estadual do Maranhão

luan.uema2022@gmail.com

Yasmine Sthéfane Louro da Silva

Universidade Estadual do Maranhão

yasmine.silva@cessin.uema.br

RESUMEN

Este artículo analiza la configuración del horror neorregionalista en la obra de Ana Paula Maia, *Así en la tierra como debajo de la tierra* (2017). La narrativa, ambientada en una colonia penal aislada construida sobre un antiguo cementerio de esclavos, se explora como una metáfora de la violencia y la disposición de los cuerpos en el Brasil contemporáneo, específicamente en el llamado “Brasil profundo”. La metodología de esta investigación se centra en el término clave “Plurivocalismo Bajtínico”, como una forma de agrupar un conjunto de voces que chocan dentro de la narrativa. Además, nos basamos en las reflexiones de Bajtín (2002), centrándonos en la polifonía y el dialogismo en la obra. En cuanto a la estética del horror, nos remitimos a Carroll (1990) y Terêncio (2022). Respecto a la base crítica sobre el espacio y la sociedad, abordamos directamente las perspectivas de Harvey (2005), Brito (2016) y Candido (2023). En consecuencia, concluimos que la configuración del horror neorregionalista se manifiesta en la obra de Maia como una crítica de una sociedad que deshumaniza al individuo y lo convierte en basura, demostrando que, en el “terreno pedregoso” del Brasil profundo, un territorio de excepción en el que el pasado esclavista y la lógica capitalista convergen en la aniquilación física y ontológica del sujeto marginado, la deshumanización de los sujetos se produce a través del trabajo.

Palabras-clave: Terror; Neorregionalista; Plurivocalismo; Brasil profundo; Ana Paula Maia.

DOSSIÊ “GÓTICO: IMAGINÁRIO SOCIOPOLÍTICO E A ESTÉTICA DO MEDO”

Revista (<i>Entre Parênteses</i>)	Alfenas, MG	v. 16	n. 1	1-26
-------------------------------------	-------------	-------	------	------

Universidade Federal de Alfenas

Departamento de Letras - Instituto de Ciências Humanas e Letras

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 – Alfenas/MG – CEP 317131-001 – Brasil

publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/entrepareses/about